

CAPÍTULO 5

O subúrbio carioca por meio das crônicas de Lima Barreto

Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça

INTRODUÇÃO

Com a queda da Monarquia, logo substituída pela República, o país vivia em um período de transição e uma aparente prosperidade, como a “civilização” da então capital federal aos moldes das grandes cidades europeias, tendo Paris como paradigma, o ciclo do café em São Paulo e o esplendor da borracha na Amazônia.

Contudo, por trás de toda essa aparente ascensão, havia as mazelas sociais e as grandes desigualdades; sendo assim, alguns autores desse período transitório começaram a abordar, em suas respectivas obras as regiões mais pobres e os tipos excluídos marginalizados. Dentre os autores, há Lima Barreto, que retratou com maestria o subúrbio carioca e seus moradores em suas crônicas e romances.

Se Monteiro Lobato e Euclides da Cunha retratavam tipos marginalizados, como o caipira e o sertanejo nordestino em *Cidades mortas* e *Os sertões*, respectivamente, em um processo de denúncia da realidade brasileira, priorizando o Brasil não oficial do pseudoprogresso, Lima Barreto seguia o mesmo rumo retratando o suburbano carioca, todos os seus infortúnios e a situação de abandono.

Dentre várias obras, pode-se sugerir que o romance *Clara dos Anjos* seja o que melhor retrata o cotidiano do subúrbio e a labuta de seus sofridos moradores nas

primeiras décadas do século XX, retratando todas as dificuldades, abandono e preconceito que vivia o suburbano carioca; aliás, um contexto ainda bem atual em nossos dias, tendo como agravante o crescimento da violência.

Em um cenário de mudanças no nosso país impostas pelo regime republicano, dentro do contexto social, podemos considerar as consequências como ambíguas, pois, ao mesmo tempo que temos a tentativa de civilizar o país, há a permanência de mazelas pretéritas ainda do período da Monarquia e até do Brasil-Colônia, principalmente os subúrbios que oscilam entre manterem costumes rurais, mas crescerem sem a menor infraestrutura.

Dentre as crônicas que abordam a vertiginosa e equivocada tentativa de civilização da sociedade, em que tais críticas ficam mais contundentes, podemos citar “A biblioteca”, “Uma coisa puxa a outra... II” e acerca da contramão de todo esse aparente progresso, “De Cascadura ao Granier” e “Os enterros de Inhaúma”.

A CRÍTICA À TENTATIVA DE EUROPEIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Tanto em seus romances quanto nas crônicas, Lima Barreto sempre foi um crítico ferrenho em relação à tentativa equivocada de civilizar a nação, principalmente o Rio de Janeiro, que era capital do país, nos moldes europeus, rompendo com seus costumes populares, marginalizando a cultura do povo, pois “as elites brasileiras viviam uma ficção, europeizando seus costumes e hábitos, separando-se da maciça realidade atrasada da maioria da população do país” (Cury, 1996, p. 46).

Observemos essa afirmação de Alfredo Bosi:

É verdade que se apontaram contradições na ideologia de Lima Barreto: o iconoclasta de tabus detestava algumas formas típicas de modernização que o Rio de Janeiro conheceu nos primeiros decênios do século: o cinema, o futebol, o arranha-céu e, o que parece mais grave, a própria ascensão da mulher! Chegava às vezes, a confrontar o sistema republicano desfavoravelmente com o regime monárquico no Brasil.

Mas essas contradições também já foram aclaradas: Lima Barreto viera de pequena classe média suburbana, e como suburbano reagia em termos de conservadorismo sentimental. Poderíamos filiar a sua xenofobia a um natural instinto de defesa étnico. E quanto à ojeriza pelos homens e pelos processos da República Velha, explica-se ainda mais naturalmente pela sua aversão às oligarquias que tomaram o poder em 1889 (Bosi, 1994, p. 317-318).

Na verdade, pode-se sugerir que Lima Barreto apoiava transformações no contexto social que fossem realmente necessárias, de uma forma lenta e progressiva, e não a

maquiagem que o governo republicano então fazia na cidade, sem se preocupar com as camadas mais pobres, jogando todas as mazelas sociais para debaixo do tapete, ou seja: empurrando as camadas mais pobres para os subúrbios, antes localidades rurais, sem nenhuma infraestrutura.

Naquele contexto de transformações, em virtude da política republicana, muitos escritores abordaram o processo de transição a que o país e as cidades eram submetidos. No Rio de Janeiro, pode-se destacar João do Rio e Lima Barreto, que documentaram em diversos periódicos cariocas as contradições e as mazelas do Brasil republicano e do Rio de Janeiro da *Belle Époque*.

Segundo Maria Zilda Cury:

Para ser o cartão-postal do País, a capital da República foi reformada no início do século XX – no famoso “bota-abaixo” – sob a égide da medicalização da sociedade e higienização da sua população. A administração de Pereira Passos empreendeu mudanças urbanísticas com a preocupação de conferir um aspecto estético e saneado à cidade, visando seu embelezamento (Cury, 1996, p. 45).

Assim como João do Rio, Lima Barreto também acompanhou essas transformações impostas pelo governo republicano e a forçosa mudança de antigos moradores para subúrbios, sem nenhum projeto habitacional. Lima Barreto foi além, pois registrou em sua escrita essas transformações e retratou a árdua vida dos moradores do subúrbio, além do aniquilamento do novo regime governamental às manifestações populares, em um processo civilizatório.

Todo esse surto e paranoia de civilização gerou um verdadeiro contraste em um Rio de Janeiro que tentava, a todo custo, modernizar-se ao nível das grandes cidades europeias, ao mesmo tempo que não conseguia se livrar de suas antigas mazelas e, nesse processo “civilizatório” de embelezamento e higienização, miséria e luxo caminhavam lado a lado, conforme podemos verificar nessa afirmação de Luciana Marino do Nascimento:

permitia a aproximação e a convivência dos contrastes: o rico frente ao pobre; o feio, ao bonito; a juventude, à velhice, a opulência, à miséria. Acima de tudo, permitia o confronto das classes, com o luxo das vitrines, as grandes peças de teatro e a afluência à cidade de tipos humanos marginalizados (Nascimento, 2003, p. 39).

Em sua crônica, intitulada “Feiras e mafuás”, que foi publicada na *Gazeta de Notícias*, em 28 de julho de 1921, Lima Barreto faz uma breve descrição das barracas

no Campo de Santana, montadas tradicionalmente no meio do ano, ainda em sua infância, aniquilada pelo regime republicano. Observemos esse trecho da citada crônica, sobre a feira:

Fui lá várias vezes, em menino; e a lembrança dessa curiosa feira é muito embatida, diluída. Lembro-me bem dos bichos e das barracas de tábuas, metim, sarrafos, iluminadas por toscos e fumarentos lampiões de querosene, que bem se pareciam com aqueles elementares que as cozinheiras chamam “vagabundos”. Veio a república, e logo as novas autoridades acabaram com aquela folgança de mês. A república chegou austera e ríspida (Barreto, 2017d, p. 150).

É válido ressaltar que tais mudanças se dão pela ânsia da elite carioca em civilizar a cidade, transformando-a em uma Europa dos trópicos; um período denominado *Belle Époque*, com uma aristocracia carioca inteiramente tomada pelo deslumbre de um processo civilizatório e a tal feira, descrita por Lima Barreto, de cunho tão popular, seria uma enorme ofensa para os novos tempos.

Provavelmente, na mentalidade da nata da sociedade carioca, ambientes assim significavam o retrocesso de um passado de estagnação e era necessário romper com todas essas manifestações tão vulgares que envergonhavam essa elite representada pelos governantes que modernizavam a cidade.

Segundo Jeffrey Needell:

Sanear a cidade, para muitos, significava, embelezá-la. Num momento em que a economia do país ia tornando mais profundos os seus nexos com o mercado internacional, fazia-se mister que sua capital estampasse, para efeito externo, uma imagem que não mais a associasse com o atraso, com a doença, tal como o Rio era conhecido na Europa. Sanear o Rio, deste modo, requeria não só a erradicação das moléstias, mas também a renovação estética da cidade, cuja expressão eram a fachada de seus prédios, o aspecto de seus logradouros públicos, os costumes de seu povo (Needell, 1993, p. 48).

Dentre vários escritores que abordaram esse período de transformações na cidade do Rio de Janeiro, Lima Barreto foi o mais atuante e combativo, principalmente em suas crônicas que criticam o processo artificial e excludente de civilização, como em “A biblioteca” (2017a) e “Uma coisa puxa a outra... II” (2017f), em que critica a imponência da Biblioteca Nacional e do Theatro Municipal cujo povo não tem acesso, e “Continuo” (2017b) que retrata a educação brasileira que continua retrógrada, mesmo com a queda da Monarquia e ascensão da República.

É válido ressaltar que, apesar de ponderar um contexto social menos desigual e proferir diversas críticas de erros do passado que trouxeram como consequências contrastes e a miséria, era um crítico mordaz à destruição da antiga cidade para maquiar toda a desigualdade que existia na sociedade, mascarando e escondendo todas as mazelas. Dado o seu amor pelo Rio de Janeiro, sentiu-se incomodado com esse falso processo de civilização.

Segundo Lúcia Miguel-Pereira:

Esse amor operaria o milagre de torná-lo tradicionalista. O mesmo homem que afirmava não gostar de passado, no qual via como uma fonte de preconceitos, insurgia-se contra qualquer obra que implicasse na destruição dos velhos edifícios, ligados à história ou ao aspecto do Rio (Miguel-Pereira, 1957, p. 314).

Nessa afirmação, verificamos um Lima Barreto contraditório, ao mesmo tempo conservador, proferindo críticas a um passado, por conta de explorações e discriminações que mantiveram seus resquícios em sua época, apesar da falsa sensação de civilização da cidade e do país.

A crítica à acelerada e equivocada transformação da cidade do Rio de Janeiro, em sua área central (Figura 5.1), e a estagnação do subúrbio com sua falta de infraestrutura, região totalmente condenada ao descaso e ao abandono, são radiografias de um cronista atento, que tem a habilidade de juntar as linguagens jornalística e literária com maestria.



Figura 5.1 Avenida Central – 1917

Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/>

DE CASCADURA AO GARNIER: ENTRE O RURAL E O SUBURBANO

Em sua obra, Lima Barreto fez uma radiografia da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, principalmente do subúrbio carioca. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o narrador barretiano faz uma breve descrição desse subúrbio em um misto de crítica e encanto, como podemos perceber nesse trecho do romance:

Não há nos nossos subúrbios coisa alguma que nos lembre os famosos das grandes cidades europeias, com as suas vilas de ar repousado e satisfeito, as suas estradas e ruas macadamizadas e cuidadas, nem mesmo se encontram aqueles jardins, cuidadinhos, aparadinhos, penteados, porque os nossos, se os há, são em geral pobres, feios e desleixados. Os cuidados municipais também são variáveis e caprichosos. Às vezes, nas ruas, há passeios em certas partes e outras não; algumas vias de comunicação são calçadas e outras da mesma importância estão ainda em estado de natureza. Encontra-se aqui um pontilhão bem cuidado sobre um rio seco e passos além temos que atravessar um ribeirão sobre uma pinguela de trilhos mal juntos (Barreto, 1989, p. 74).

De fato, é um enorme contraste um subúrbio tão abandonado e com pouco ou quase nenhum cuidado por parte das autoridades de uma cidade que visava à civilização e ao progresso. Era como se aquela região fosse totalmente à margem e não fizesse parte do então Distrito Federal. É válido sugerir que a intenção dessas autoridades do Rio de Janeiro era, justamente, esconder a miséria e seus excluídos para arrabaldes mais distantes da municipalidade.

Tal abandono também é abordado com contundência em outro romance, publicado postumamente em 1948. *Clara dos Anjos* denuncia, de forma contundente, não só o abandono dos habitantes do subúrbio carioca, como também o preconceito racial, provavelmente, pela experiência empírica dos temas abordados.

O romance faz uma reflexão sobre o papel exercido pela mulher no Rio de Janeiro do começo do século XX. A jovem mestiça Clara dos Anjos, moradora do subúrbio carioca, pertence a uma família humilde, mas recebe todo o carinho e uma excelente formação, e vê sua vida destruída ao se entregar ao malandro Cassi Jones.

Além da discriminação racial, de forma não muito sutil, o narrador faz uma descrição sobre o subúrbio carioca que perdia o bucolismo rural, mas que também continuava abandonado sem a urbanização devida que precisava, caminhando na contramão do centro da cidade, conforme podemos verificar nesse trecho de *Clara dos Anjos*:

O viajante que se detém um pouco a olhar aqueles campos de vegetação rala e amarelada, aqueles morros escalavrados, cobertos de intrincados carrascais, onde pasta um gado magro e ossudo, fica confrangido e triste. Não há nenhuma cultura; as árvores de porte são raras; nas casas, é raro uma laranjeira virente, nem um mamoeiro semi-espontâneo desce-lhes à entrada. Os córregos são em geral vales de lama pútrida, que, quando chegam as grandes chuvas, se transformam em torrentes, a carregar os mais nauseabundos detritos. A tabatinga impermeável, o barro compacto e a falta d'água não permitem a existência de hortas; e um repolho é lá mais raro que na Avenida Central (Barreto, 2002, p. 75).

Percebe-se nesse trecho que o subúrbio começa a crescer desordenadamente sem infraestrutura, em um local indefinido que não pode ser caracterizado como uma zona rural e nem como uma área urbana, estando no limbo entre a roça e a cidade grande, com todas as desvantagens das duas áreas e nenhuma vantagem de ambas.

Com o surto de civilização e a paranoia de se fazer do Rio de Janeiro uma Europa tropical, foi-se demolindo as antigas casas, os insalubres cortiços para dar lugar a modernos *boulevards*, prédios imponentes, como foi o caso do Theatro Municipal, em uma tentativa de embelezar a cidade.

Segundo José Geraldo V. de Moraes:

Nas cidades distantes da Europa que começavam a erguer-se no final do século passado, como Buenos Aires, México, São Paulo e Rio de Janeiro, as idéias de progresso, civilização, moderno e bom-gosto eram representadas pela Europa, sobretudo Paris e Londres, berços da modernidade (Moraes, 1994, p. 21).

A tentativa de modernidade foi uma verdadeira paranoia no imaginário da elite carioca, desapropriando as pessoas mais humildes dos cortiços para dar lugar a *boulevards* e construções modernas e suntuosas, empurrando as mazelas para os subúrbios, que cresciam desordenadamente.

Verifiquemos esse trecho da crônica “De Cascadura ao Garnier”:

Ele percorre uma parte da cidade que até agora era completamente desconhecida. Em grande trecho, perlustra a velha Estrada Real de Santa Cruz, que até bem pouco vivia esquecida.

Entretanto, essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a Estrada de Ferro e matou-a, como diz o povo. Assim aconteceu com Inhomerim, Estrela e outros “portos” do fundo da baía. A Light, porém, com o seu bonde

de “Cascadura” descobriu-a de novo e hoje, por ela toda, há um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fuçar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe deem muito do seu primitivo ar rural de antanho.

Mas... o bonde de Cascadura corre; “Titio Arrelia”, manejando o “controle”, vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda; ele já não se contenta com o tímpano; assovia como os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado (Barreto, 2017c, p. 148).

Verifica-se que, nessa viagem de bonde (Figura 5.2), o narrador observa justamente aquele trecho da cidade ainda desconhecido, mas menos do que em tempos pretéritos, urbanizando-se em passos lentos, mas ainda com os ares rurais do passado.

Publicada da Revista *Careta*, do dia 29 de julho de 1922, inclusive a menos de dois meses de sua morte, a crônica “De Cascadura ao Garnier” retrata, até de forma bucólica para os leitores menos atentos, essa indefinição do subúrbio entre o urbano e o rural e o contraste com o outro lado da cidade, quando o narrador barretiano entra na Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor, ponto de encontro de intelectuais; em suma: uma cidade repartida, deixando claro todo o contraste entre o centro do Rio e a Rua do Ouvidor e sua elite econômica e intelectual e o humilde subúrbio.

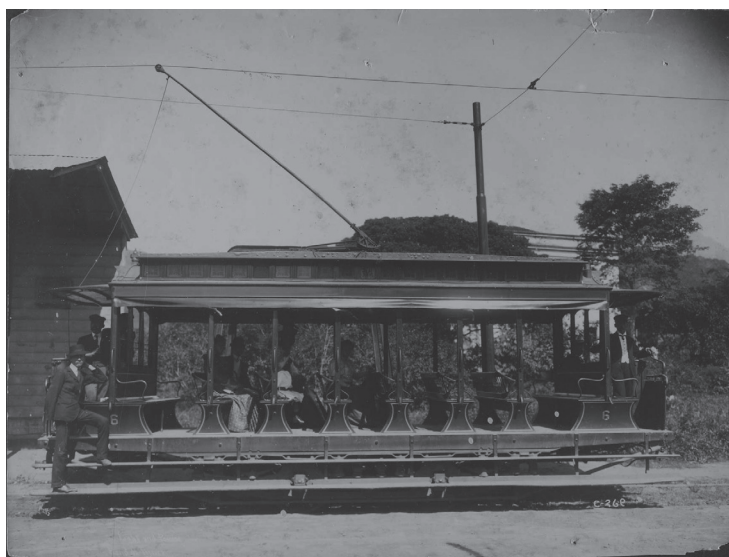


Figura 5.2 Bonde elétrico, por Augusto Malta.

Fonte: <https://bdlb.bn.gov.br/>

OS ENTERROS DE INHAÚMA: UM RETRATO DA PRECARIEDADE E DA ESTAGNAÇÃO

No romance *Clara dos Anjos*, o narrador onisciente descreve a dificuldade de se enterrar os entes nos cemitérios suburbanos, enfatizando o Cemitério de Inhaúma, o mais procurado pelos moradores dos subúrbios, como podemos observar nesse trecho da referida obra:

Nem lhes facilita a morte, isto é, o acesso aos cemitérios locais. Para o de Inhaúma, procurado por uma vasta zona suburbana, os caminhos são maus, e pior do que isto: dão voltas inúteis, que poderiam ser evitadas sem grandes despesas. Os enterros da gente mais pobre são feitos a pé, e é fácil imaginar como chegam, os que carregam o morto, no campo-santo municipal. Quem passa por aqueles caminhos, quase sempre topa com um. Os de “anjos” são carregados por moças e os destas também pelas da sua idade. Não há, para elas, nenhuma toilette especial. Levam a mesma que para os bailes e mafuás; e lá vão de rosa, de azul celeste, de branco, carregando a pobre amiga, debaixo de um sol inclemente, e respirando uma poeira de sufocar; quando chove, ou choveu recentemente, carregam o caixão aos saltos, para evitar atoleiros e poças d’água. Os de adultos são carregados por adultos. Nestes, porém, há sempre uma modificação do indumento dos que acompanham. Os cavalheiros procuram roupas escuras, senão pretas; mas, às vezes, surge o escândalo da sua calça branca. Vão muito pouco tristes e, em cada venda que passam, “quebram o corpo”, isto é, bebem uma boa dose de parati. Ao chegarem ao cemitério, aquelas cabeças não regulam bem, mas o defunto é enterrado (Barreto, 2002, p. 73).

Percebe-se nesse excerto a precariedade dos subúrbios e a dificuldade até para enterrar as pessoas, em razão do difícil acesso, abordando inclusive a mortalidade infantil, sob o eufemismo de “anjos”, algo recorrente no início do século XX. Destaca ainda de forma irônica a dispensa de formalidades como o uso do luto, ou seja, da roupa preta em sinal de pesar; além do hábito de “beber” o morto ao longo do caminho até o cemitério.

Publicada na Revista *Careta*, de 26 de agosto de 1922, a crônica “Os enterros de Inhaúma” também retrata toda a precariedade dos habitantes dos subúrbios em vários aspectos, nesse caso, no ato de levar seus mortos para o cemitério, sem um transporte adequado, ainda de uma forma rural, conforme podemos verificar nesse trecho da crônica barretiana:

Certamente há de ser impressão particular minha não encontrar no cemitério municipal de Inhaúma aquele ar de recolhimento, de resignada tristeza, de imponderável poesia do Além, que encontro nos outros. Acho-o feio, sem compunção com um ar momo de repartição pública; mas se o cemitério me parece assim, e não me interessa, os enterros que lá vão ter, todos eles, aguçam sempre a minha atenção quando os vejo passar, pobres ou não, a pé ou em coche-automóvel.

A pobreza da maioria dos habitantes dos subúrbios ainda mantém neles esse costume rural de levar a pé, carregados a braços, os mortos queridos.

É um sacrifício que redunda num penhor de amizade em uma homenagem das mais sinceras e piedosas que um vivo pode prestar a um morto.

Vejo-os passar e calculo que os condutores daquele viajante para tão longínquas paragens, já andaram alguns quilômetros e vão carregar o amigo morto, ainda durante cerca de uma légua. Em geral assisto à passagem desses cortejos fúnebres na rua José Bonifácio canto da Estrada Real. Pela manhã gosto de ler os jornais num botequim que há por lá. Vejo os órgãos, quando as manhãs estão límpidas, tintos com a sua tinta especial de um profundo azul-ferrete e vejo uma velha casa de fazenda que se ergue bem próximo, no alto de uma meia laranja, passam carros de bois, tropas de mulas com sacas de carvão nas cangalhas, carros de bananas, pequenas manadas de bois, cujo campeiro cavalga atrás sempre com o pé direito embaralhado em panos.

Em certos instantes, suspendo mais demoradamente a leitura do jornal, e espreguiço o olhar por sobre o macio tapete verde do capinzal intérmino que se estende na minha frente.

Sonhos de vida roceira me vêm; suposições do que aquilo havia sido, ponho-me a fazer. Índios, canaviais, escravos, troncos, reis, rainhas, imperadores – tudo isso me acode à vista daquelas coisas mudas que em nada falam do passado.

De repente, tilinta um elétrico, buzina um automóvel, chega um caminhão carregado de caixas de garrafas de cerveja; então, todo o bucolismo do local se desfaz, a emoção das priscas eras em que os coches de Dom João VI transitavam por ali, esvai-se e ponho-me a ouvir o retinir de ferro malhado, uma fábrica que se constrói bem perto.

Vem porém o enterro de uma criança; e volto a sonhar.

São moças que carregam o caixão minúsculo; mas assim mesmo, pesa. Percebo-o bem, no esforço que fazem (Barreto, 2017d, p. 183-184).

Pode-se propor, a partir desse trecho da crônica, que Lima Barreto endossa e completa o que diz acerca da precariedade dos cemitérios e da forma em que se con-

duzia os mortos em *Clara dos Anjos*, sendo, de alguma forma, irônico ao descrever certo bucolismo rural do passado, quebrado por elementos da modernidade como o automóvel, o caminhão e a construção de uma fábrica; em suma, um local com a indefinição entre o precário e o urbano, mas com as mesmas mazelas do passado, como a mortalidade infantil.

Lima Barreto é ácido em sua prosa que critica os contrastes de uma cidade completamente repartida entre o abandonado subúrbio, quase uma zona rural e a região central do Rio de Janeiro, que se moderniza de forma forçosa, com desapropriações arbitrárias e demolições.

Assim como “De Cascadura ao Garnier”, a crônica “Os enterros de Inhaúma” também foi publicada no ano de 1922, um mês depois da primeira, na Revista *Careta*, do dia 26 de agosto, um ano conturbado com a Revolta do Forte de Copacabana e de eleições presidenciais, quando toma posse Artur Bernardes sucedendo Epitácio Pessoa.

Verifiquemos esta afirmação de Bóris Fausto acerca de Artur Bernardes e o contexto econômico e social da época:

Extremamente impopular nas áreas urbanas, especialmente no Rio de Janeiro, lançou-se a uma dura repressão para os padrões da época. A insatisfação popular tinha raízes de um quadro financeiro complicado. As emissões de moedas feitas por Epitácio Pessoa entre 1921 e 1923 para realizar a terceira valorização do café foram responsáveis pela desvalorização do câmbio e da inflação (Fausto, 2018, p. 176).

Apesar do surto de modernização e urbanização, o país ainda vivia uma política das oligarquias agrárias, refletindo todo esse contraste nas camadas mais pobres, moradores dos subúrbios das cidades muito bem retratadas nas crônicas de Lima Barreto, que, ironicamente, faleceu um pouco antes do Bernardes assumir a presidência da República e, mais de dois meses antes, publicou a referida crônica justamente falando sobre enterro e cemitério. Talvez fosse um presságio (Figura 5.3).

É importante destacar que 1922, ano em que a referida crônica foi publicada, foi repleto de transformações, quando a Independência do Brasil completava o seu centenário. A Semana de Arte Moderna é o exemplo da transformação do contexto da arte nacional, mas a estagnação nos setores sociais insistia em permanecer dentro do contexto daquele tempo.

Mesmo estando à margem dessa renovação artística, realizada em São Paulo, naquele ano, é incontestável que Lima Barreto, ao lado de seus contemporâneos, retratou bem o contexto da sociedade em que vivia, promovendo em sua obra a denúncia da realidade brasileira, rompendo com o passado deixado pelos românti-

cos e parnasianos, abordando tipos marginalizados que, no caso de Lima Barreto, retratava o suburbano carioca.



Figura 5.3 A Noite, de 2 de novembro de 1922.

Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem sombra de dúvidas, Lima Barreto, com sua prosa mordaz e com um olhar atento e crítico, captou como ninguém a atmosfera da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, com todas as suas transformações e contrastes.

Pode-se afirmar que Lima Barreto, apesar de sua triste e trágica trajetória de alcoolismo e internações, foi um afortunado naquilo que se trata de conhecer todos os cantos e recantos da cidade, podendo traçar com precisão todo o panorama da área central carioca e de seu subúrbio. Assim, o autor deixa em sua escrita sinais de sua época, repleta de contradições; entretanto, percebe-se em suas obras suas vivências empíricas, projetadas em algumas personagens e localidades, principalmente o subúrbio carioca, não só em seus romances como também em suas crônicas.

É importante lembrar que o autor geralmente reflete sua época em suas obras, e Lima Barreto não seria diferente, em um período de grandes transformações e con-

tradições que provocou dissabores por parte de alguns e encantamento por parte de outros, muito bem captado por esse narrador atento.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. A biblioteca. In: *Lima Barreto: cronista do Rio*. Organização de Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017a.
- _____. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. Continuo. In: *Lima Barreto: cronista do Rio*. Organização de Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017b.
- _____. De Cascadura ao Garnier. In: *Lima Barreto: cronista do Rio*. Organização de Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017c.
- _____. Feiras e mafuás. In: *Lima Barreto: cronista do Rio*. Organização de Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017d.
- _____. Os enterros de Inhaúma. In: *Lima Barreto: cronista do Rio*. Organização de Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017d.
- _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Uma coisa puxa a outra... II. In: *Lima Barreto: cronista do Rio*. Organização de Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017f.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. O avesso do cartão-postal: João do Rio perambula pela capital da república. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 44-53, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/l/article/view/678>. Acesso em: 2 nov. 2020.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira – prosa e ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Cidade e cultura urbana na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1994.
- NASCIMENTO, Luciana Marino do. *Entre Paris e Lisboa: a modernidade de Cesário Verde*. 2003. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

